

A BUSCA PELA FUNÇÃO PATERNA: DESAMPARO INFANTIL E SENTIMENTO DE CULPA

Juliana Guimarães de Oliveira Gomes
Universidade Católica de Goiás
Comunicação
Psicologia e processos clínicos

Esse artigo resulta da pesquisa bibliográfica feita para a conclusão de curso e obtenção do grau de psicóloga na Universidade Católica de Goiás. Foi feita a leitura dos principais textos que Sigmund Freud escreveu sobre o tema da função paterna como uma das funções estruturantes do sujeito. O objetivo do artigo é estudar porque a busca da função paterna é tão constitutiva do ser humano, pelo prisma da Psicanálise. O desamparo infantil leva à necessidade de proteção por toda a vida levando o adulto a procurar um pai mais poderoso. Nisto se insere, para alguns indivíduos, a religião. Sigmund Freud vai à origem da civilização, no totemismo, para entender que a relação ambivalente no totem – de adoração e de destruição – é reatualizada no complexo de Édipo, está na base da constituição psíquica e no desencadeamento do sentimento de culpa.

Palavras-chave: função paterna; sentimento de culpa; desamparo infantil.

Sigmund Freud é o fundador da Psicanálise. Foi um pensador ousado, à frente de seu tempo, provocador e inquietante com suas questões, se propunha a ir até o fim com suas teorias, nunca se limitando a simplificar o que na origem é complexo. Segundo Roudinesco e Plon (1997), o autor recebeu uma educação judaica, e apesar de ser um judeu infiel e incrédulo, que não praticava nenhum ritual, nunca abandonou a cultura que o educou, Freud dizia que o judaísmo constituía sua essência. Começou seus estudos em medicina, mas não ficou restrito à área, teve uma sólida formação em biologia, principalmente a darwiniana, zoologia, fisiologia, neurologia, filosofia, literatura, além de estar sempre atento às transformações que aconteciam à sua volta.

Foi em 1885 quando Freud, como afirma em seu “*Um estudo autobiográfico*” (1925[1924]), obteve uma bolsa de estudos em neurologia para estudar em Paris. Foi lá onde conheceu Jean Martin Charcot, médico e neurologista, que fazia no Hospital Salpêtrière atendimentos clínicos a mulheres que tinham ataques, crises, convulsões, paralisias, cegueira, contraturas sem uma causa orgânica. Essas mulheres, as histéricas, sofriam de algo referente à natureza psíquica. Para Charcot, o sofrimento era em decorrência de algum trauma de infância. Essa experiência marcou a vida de Freud e foi uma das propulsoras para que a Psicanálise fosse inventada.

Em Viena, Freud atendia, em um consultório particular, mulheres da burguesia, em sua maioria histéricas. Foram os sofrimentos psíquicos dessas mulheres que o levaram a desvelar o sofrimento psíquico do ser humano. O autor foi em busca do que era até então invisível à ciência na constituição e estruturação do aparelho psíquico dos indivíduos. Assim como Charcot, Freud se utilizou de uma técnica de sugestão conhecida como *hipnose*, ele a empregava “para fazer perguntas ao paciente sobre a origem de seus sintomas, que em seu estado de vigília ele podia descrever só muito imperfeitamente, ou de modo algum.” (Freud, 1996 (1925[1924]), p. 26). A hipnose teve um papel crucial na história da Psicanálise, pois era uma via de acesso fundamental ao inconsciente. Outro médico, Josef Breuer, foi de fundamental importância na vida de

Freud tanto pela amizade, como pela partilha dos interesses científicos e pela ajuda financeira. Breuer também se utilizava da hipnose no tratamento de suas pacientes.

No entanto, Breuer e Freud percebem, como o próprio afirma em seu texto autobiográfico de (1925[1924]), que a mulher hipnotizada falava de seus conteúdos, desejos, traumas, fantasias, mas quando era despertada de nada se lembrava, além de que passado um tempo, os sintomas voltavam e também não eram todas as pessoas que conseguiam se submeter ao estado hipnótico. Então Freud (1914) abandona a hipnose e adota a *catarse*¹, até desenvolver o método inventado por ele chamado de *associação livre*. Essa é considerada a regra fundamental da Psicanálise onde à paciente era pedido para que falasse livremente de seus conflitos sem se preocupar em seguir uma linha de raciocínio e sem fazer restrições. Nisso, ele percebe a importância de trabalhar a resistência, que impede o que não é sabido a se tornar conhecido conscientemente. Para tanto trabalha na sessão analítica com conteúdos transferenciais que, segundo Freud (1925[1924]), são reatualizações de experiências e sentimentos vivenciados anteriormente, principalmente na primeira infância. Esses conteúdos estão presentes em toda e qualquer relação, mas na análise, cada paciente o tem para com seu analista e cabe a esse saber manejá-los.

Com o seu trabalho tendo como instrumento a *associação livre*, tornou-se possível a Freud (1925[1924]), provar que os sonhos têm um significado, são realizações de desejos. A partir da interpretação de sonhos aliada à regra fundamental da Psicanálise, Freud (1925[1924]) pôde desvelar uma compreensão do inconsciente muito mais substancial. Pôde também, desenvolver outra concepção de histeria, baseado nos casos clínicos que analisava. Ele reavalia a crença em uma teoria da sedução, que afirmava ser o sofrimento psíquico advindo de um fato real de abuso sexual, e, passa a entender os pensamentos que as histéricas tinham como fantasias². Dessa forma, Freud entende que nem todas as histéricas foram abusadas realmente. Para Freud ((1913 [1912-13]), p.97) o sofrimento psíquico é em decorrência de como o pensamento dos neuróticos entendiam a realidade e não a experiência em si, o pensamento deles é vivenciado com intensidade e emoção, e suas crises se fixam em sua própria imaginação.

... (nós), os homens, com as elevadas aspirações de nossa cultura e sob a pressão das íntimas repressões, achamos a realidade de todo insatisfatória e por isso mantemos uma vida de fantasia onde nos comprazemos em compensar as deficiências da realidade, engendrando realizações de desejos. Nestas fantasias há muito da própria natureza constitucional da personalidade e muito dos sentimentos reprimidos. O homem enérgico e vencedor é aquele que pelo próprio esforço consegue transformar em realidade seus castelos no ar. Quando esse resultado não é atingido, seja por oposição do mundo exterior, seja por fraqueza do indivíduo, este se desprende da realidade, recolhendo-se aonde pode gozar, isto é, ao seu mundo de fantasia, cujo conteúdo, no caso de moléstia, se transforma em sintoma. (Freud (1910[1909]), pp. 60-61)

¹ O método catártico, “procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagí-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados.” (Roudinesco e Plon, 1997, p. 107). O termo foi cunhado por Josef Breuer.

² Fantasia é um conceito da Psicanálise que “designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens”. (Roudinesco e Plon, 1997, p. 223).

Para entender o núcleo das neuroses, o presente artigo se propõe a analisar uma das questões mais caras à Freud, a relação do ser humano com a função paterna. O autor tem ao longo de sua teoria, diversos pontos cruciais como ele mesmo afirma “em particular a teoria da repressão e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente” (1914, p. 25). Mas o ponto que entrecorta essas questões está na busca pela função paterna. Pois segundo Freud (1927) é nessa busca que se encontra um dos vieses da origem das neuroses e do por que do desamparo infantil despertar necessidade de proteção, necessidade esta proporcionada pelo pai e o reconhecimento de que esse desamparo se estende por toda a vida, mas dessa vez, necessitando de um pai mais poderoso. Em *Totem e Tabu*, ele afirma “o ponto concreto a que tudo gira em torno é a relação do homem com o pai.” (1913 (1912-13), p.158).

Sigmund Freud (1913 (1912-13)) vai à Antropologia Social para descortinar o desenvolvimento da civilização, considerando essa como tudo aquilo que o homem conquistou enquanto espécie ao deixar sua condição de animal e em tudo aquilo que se difere dos outros animais, e a repressão dos instintos³, num sentido de manter inconscientes idéias e representações que pulsam no indivíduo, mas se tornadas conscientes provocam desprazer. No entanto, o que encontrou em seus estudos, o fez avançar na compreensão acerca do início da civilização, fazendo-o ir além da Antropologia. Freud (1913 (1912-13)) vai à busca da origem da civilização, o totemismo⁴, e o analisa profundamente.

O totemismo o ajuda a entender em (1913 (1912-13)) que a relação, no princípio, dos homens com o totem, uma relação ambivalente, onde ao mesmo tempo em que é de adoração, é também de tentativa de destruição, está na base da constituição psíquica de todo sujeito. Pois a relação estabelecida no complexo de Édipo⁵ revive a situação primordial. O complexo de Édipo aliado a fatores que Freud aponta em sua teoria, como as fases de desenvolvimento da criança (fase oral, fálica e genital), as fixações nestas fases, a lida dos indivíduos com o mundo externo, engendram o núcleo das neuroses e do sentimento de culpa.

O sentimento de culpa advém dos sentimentos ambivalentes provenientes das relações humanas. Basta que o indivíduo se depare com sua incompletude e, por isso, se lance a relacionar-se com seus semelhantes, que esse conflito se instaura.

Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edípiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. Quando se faz uma tentativa para se ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas

³ Há inúmeras divergências a cerca da tradução do termo “instinto”. Sabendo disso, aqui será adotada a palavra instinto por questões de praticidade quanto às citações que serão feitas da obra de Freud na língua portuguesa. No entanto, cabe ressaltar que instinto nesse artigo será usado em substituição da palavra alemã *Trieb*, a qual significa pulsão, ou seja, instinto atravessado pela cultura.

⁴ O totemismo é tanto uma religião como um sistema social, a relação com ele sobrepõe-se às relações consanguíneas e às filiações tribais. O totemismo abarca as relações em torno do totem. Sendo totem sempre uma classe de objetos, pode ser um animal ou um vegetal ou fenômeno da natureza que mantém uma peculiar relação com todo o clã. Vem de uma história construída no clã sendo, portanto a base de todas as obrigações sociais no clã. O clã o reverencia e o respeita em troca da proteção que ele fornece.

⁵ Freud vai à tragédia grega “Édipo Rei” de “Sófocles”, para nomear um conflito dos indivíduos. No mito Édipo é abandonado pelos pais, Laio e Jocasta, pois o oráculo de Tebas havia alertado Laio que este teria um filho que o mataria e casar-se-ia com sua esposa, mãe dele. A profecia, incidentalmente, é cumprida. Édipo sem saber que o homem com quem guerreou e matou no caminho a Tebas, era seu pai, casa-se com sua mãe e tem dois filhos, também sem saber. Ao descobrirem suas verdadeiras identidades, Édipo fura os olhos e Jocasta suicida.

que dependem do passado; é fortalecido e resulta numa intensificação adicional do sentimento de culpa. Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. (Freud (1930 [1929]), p.135).

Freud (1930 [1929]) aponta também para outro dado importante em sua teoria, o fato de que as condições para a vida em civilização, só se tornaram possíveis via repressão dos instintos e a instauração do mal-estar na cultura.

Quando uma criança nasce, logo se depara com a situação de incompletude, condição essa, segundo Freud (1930[1929]), demasiadamente humana. Ainda no útero da mãe, a criança tem suas necessidades atendidas imediatamente. Com sua saída desse lugar, a criança terá que aprender a lidar com a realidade que não a atende instantaneamente. A situação de desamparo do bebê instaura-se e se estende por toda a vida do indivíduo. O desamparo faz a criança ir à busca de outro ser humano para existir. O primeiro objeto de amor de um indivíduo é a mãe. No complexo de Édipo haverá distinções de como essa relação sucederá, de acordo com o sexo da criança.

O menino, com seu crescimento, passa a querer ser como o pai, para assim obter o amor da mãe. O sentimento do menino para com o pai e com a mãe é de ambivalência. Ele deseja tomar o lugar desse pai. O pai é colocado, nas palavras de Freud (1921), como seu ideal. Concomitante a essa identificação, o menino começa a investir sua energia na sua relação com a mãe, e a partir daí terá dois laços psicologicamente distintos: a identificação com o pai, aquele quem ele deseja ser e, uma relação que tem a intenção de se realizar sexualmente com a mãe, aquela quem ele deseja ter.

Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em conseqüência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém. (Freud (1921), p. 115)

O menino passa por um período onde acredita que todos possuem um pênis semelhante ao seu. Em suas experiências investigativas em brincadeiras e no cotidiano de quem lhe toma conta, constata que não são todas as pessoas que possuem esse órgão tão estimado por ele. Nesse processo, o menino passa, segundo Nasio (1995), pela experiência psíquica da ameaça de castração. Essa ameaça incide sobre as fantasias que ele tem, de ter relação sexual com a mãe.

É sob efeito da irrupção da angústia de castração que o menino aceita a lei da proibição e opta por salvar seu pênis, mesmo tendo renunciado à mãe como parceira sexual. Com a renúncia à mãe e o reconhecimento da lei paterna encerra-se a fase do amor edipiano; torna-se então possível a afirmação da identidade masculina. A crise que o menino teve que atravessar foi fecunda e estruturante, já que ele se tornou capaz de assumir sua falta e produzir seu próprio limite. Dito de outra maneira, o término do

complexo de castração é também, para o menino, o término do complexo de Édipo. (Nasio 1995, p. 17).

A experiência da castração é constantemente, segundo Nasio (1995), “renovada ao longo de toda a existência” (p.13). Por ser uma experiência inconsciente leva o indivíduo a se deparar com o fato de que para viver em civilização, tem que abdicar de seu desejo. O complexo de Édipo reatualiza desejos que a civilização teve que barganhar muito para recalcar e, só assim, poder sobreviver. Esse foi um tema que muito interessou Freud (1930 [1929]) ao longo de sua vida e fez com que o autor se debruçasse sobre como foi que chegamos, enquanto civilização, no estágio que nos encontramos modernamente, mesmo que nos indivíduos continue pulsando seus desejos.

O autor, em seu livro *Totem e Tabu* (1913[1912-13]), vai investigar o porquê da grande preocupação que os povos primitivos tinham com o incesto, visto que, em todos os lugares que apresentavam um totem, encontra-se uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente contra o seu casamento. E ainda, quem transgredisse essa regra era punido severamente para que o problema fosse erradicado.

Esse horror ao incesto percorre a história da Humanidade e, segundo Freud (1913 (1912-13)) sua proibição foi uma conquista dos homens primitivos para que a vida em sociedade fosse possível. Foi preciso, primeiramente, essa forte proibição externa à base de severos castigos, até que isso fosse internalizado ao longo dos séculos e fizesse parte da herança arcaica social. Mas a prova de que esse desejo ainda pulsa nos indivíduos é dada por Freud (1913 (1912-13)) quando ele afirma ser a relação de uma criança com os pais dominada por desejos incestuosos a ponto de esse ser o núcleo das neuroses.

Somos levados a acreditar que essa rejeição é, antes de tudo, um produto da aversão que os seres humanos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos, hoje dominados pela repressão. Por conseguinte, não é de pouca importância que possamos mostrar que esses mesmos desejos incestuosos, que estão destinados mais tarde a se tornarem inconscientes, sejam ainda encarados pelos povos selvagens como perigos imediatos, contra os quais as mais severas medidas de defesa devem ser aplicadas. (p. 35)

Segundo Freud (1913 (1912-13)), no período totêmico os homens viviam em hordas relativamente pequenas onde havia um ciúme pelo macho mais velho e mais forte que vivia com várias mulheres, o limite da quantidade de mulheres era o número que conseguia obter e sustentar. E ainda, guardava-as dos outros homens e proibia a relação sexual dentro do totem. Esses outros homens eram expulsos do clã para que encontrassem uma companheira e daí fundarem sua própria horda. Seguindo a linha do pensamento freudiano chega-se a um dos pontos cruciais de sua obra onde a relação dos homens primitivos com o totem é assemelhada à da criança no complexo de Édipo, o autor desvela que no caminho da civilização, ocorre uma transformação que coloca no lugar do animal totêmico o pai.

No totemismo uma ambivalência nos sentimentos em relação ao totem se fazia presente, na relação com o pai isso não é diferente, além de se estender e se complexificar. Freud (1913 (1912-13)) afirma que o pai é admirado por possuir um pênis grande e é temido por ameaçar o da criança. O pai é a figura temida acerca dos interesses sexuais da infância, sua ameaça aparece para a criança como um castigo, uma ameaça de castração.

Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmagô – não matar o totem e não ter relações sexuais com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. (...). Em outras palavras, nos permitirá provar que o sistema totêmico (...) é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo. (Freud (1913[1912-13]), p. 137).

No período da horda primeva, como todos os irmãos, por um lado, odiavam o pai, pois ele representava um obstáculo à busca do poder e aos desejos sexuais, por outro o amavam e o admiravam. Freud (1939 [1934-38]) revela que quando os irmãos juntos se livram do pai e satisfazem-se do ódio, o desejo de identificarem-se com ele ganha força. Assim, o caminho para terem a mulher que quiserem e ter o poder do clã, e nesse sentido ocupar o lugar do pai passa a estar liberado. Um período longo de lutas pela disputa desse lugar do pai é apontado por Freud (1939 [1934-38]), até que os homens percebessem a inutilidade e o perigo dessas lutas. Com isso, os irmãos foram levados a estabelecer um acordo “uma espécie de contrato social”. Foi preciso que “cada indivíduo renunciasse a seu ideal de adquirir a posição do pai para si e de possuir a mãe e as irmãs” (Freud (1939 [1934-38], p. 97), para que as condições de vida em civilização se tornassem possíveis.

Acompanhando esse movimento dos homens primitivos, um crescente sentimento de culpa tomou conta dos indivíduos, o que os levou a elevar esse pai à condição de um Deus, onde ele promete, nas palavras de Freud (1913 (1912-13)): proteção, cuidado e indulgência. E aos filhos, coube a obediência para que, esse sentimento de culpa fosse abrandado. Junto com o remorso, retorna a afeição que durante certo tempo esteve recalçada. “Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo.” ((1913[1912-13]), p. 146).

Houve um desenvolvimento da corrente afetuosa dos sentimentos para com o pai, mas os impulsos que levaram ao parricídio permanecem. Concomitante a esse fato desenvolve-se os sentimentos fraternais chegando num processo de santificação dos laços de sangue e numa exaltação da solidariedade dentro do próprio clã, dessa forma garantiram a manutenção da vida uns dos outros na medida em que evitam a repetição do acontecimento que ocasionou na morte do pai. Na esteira desses acordos, Freud em *Totem e Tabu* (1913 (1912-13)), aponta para a origem do “*Não matarás*”, pois o que se restringia ao pai se estende aos irmãos no contrato social estabelecido por eles próprios.

Quando a civilização formulou o mandamento de que o homem não deve matar o próximo a quem odeia, que se acha em seu caminho ou cuja propriedade cobiça, isso foi claramente efetuado no interesse comunal do homem, que, de outro modo, não seria praticável, pois o assassino atrairia para si a vingança dos parentes do morto e a inveja de outros, que, dentro de si mesmos, se sentem tão inclinados quanto ele a tais atos de violência. Assim, não desfrutaria de sua vingança ou de seu roubo por muito tempo, mas teria toda possibilidade de ele próprio em breve ser morto. Mesmo que se protegesse contra seus inimigos isolados através de uma força ou cautela extraordinárias, estaria fadado a sucumbir a uma combinação de

homens mais fracos. Se uma combinação desse tipo não se efetuasse, o homicídio continuaria a ser praticado de modo infundável e o resultado final seria que os homens se exterminariam mutuamente. (Freud (1927), p. 49).

Mas um resultado que apareceu em consequência desses acordos primevos é o sentimento de culpa, que para Freud (1939 [1934-38]) é o mais importante problema no desenvolvimento da civilização. Pois com o avanço da civilização, o sentimento de culpa aumentou e o ser humano teve que abdicar da felicidade. Esse sentimento é, segundo o autor, uma das variações da angústia, está o tempo todo presente consciente ou inconscientemente, sendo que sempre será um dos fatores para a constituição do sintoma neurótico. O sentimento de culpa aparece também sob a forma de mal-estar, uma espécie de insatisfação que leva as pessoas a buscarem outras fontes de motivação.

A religião tem como um de seus objetivos, a tentativa de mitigar o sentimento de culpa advindo dos filhos por terem matado o pai, e exaltar a obediência que se sentem na obrigação de ter. Nesse sentido essa busca não cessou, contemporaneamente as religiões ainda têm essas promessas em pauta e são os sentimentos que suscitaram desse movimento, a ambivalência para com o pai, e o sentimento de culpa que delineiam os contornos da organização social presente hoje.

Dessa forma, a Psicanálise (1940[1938]) compreende que desejo reprimido não é desejo negado, ao contrário, é um desejo que pulsa no indivíduo constituindo-o na busca por quem ele deseja ser, mesmo que não tenha consciência de tal fato. Esse desejo que é recalcado retorna das mais diferentes formas e dá sentido à vida do indivíduo. O aparelho psíquico de cada um é que terá como apanágio lidar com o desejo a partir de sua estruturação baseada nas três instâncias psíquicas id, ego e superego.

No id encontra-se o princípio, há traços mnêmicos do passado da espécie e todos os instintos primários, tudo nele é inconsciente. O ego se desenvolve a partir do id no contato com a realidade que vai sendo posta ao indivíduo, uma parte dele se dá a conhecer conscientemente e outra fica retida ao inconsciente.

Ele (o ego) tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos externos, desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante a fuga), lidando com os estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos internos, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente suas excitações. (Freud (1940[1938]), pp.158-159).

Uma última instância, o superego, é formada no aparelho psíquico e é ele quem dará ao indivíduo seu contorno. Essa instância advém do período em que a criança em seus primeiros anos de vida ainda não foi perpassada pela moralidade e nem tão pouco negocia com a realidade, ao contrário, a criança busca incansavelmente realizar seus desejos. Nesse período da vida é preciso que alguém apresente a essa criança a sociedade, com suas leis, permissões e limites. Mostrando a ela que seu limite vai de encontro ao limite do outro. Para Freud (1927) com o curso do desenvolvimento humano a coerção que antes era externa se torna gradativamente interna, devido o papel

exercido pelo superego. Freud considera que (1933 [1932]), os pais ou cuidadores dão à criança provas de amor ao mesmo tempo em que ameaçam com castigos as transgressões a essas regras. A criança passa a viver sob a ameaça da perda desse amor por alguém que é de muita estima para ela. Sendo assim, o indivíduo passa a ter que levar em conta, para existir enquanto ser em sociedade, as três instâncias juntamente com a realidade. Nas palavras de Freud:

Uma ação por parte do ego é como deve ser se ela satisfaz simultaneamente as exigências do id, do superego e da realidade – o que equivale a dizer: se é capaz de conciliar as suas exigências umas com as outras. Os pormenores da relação entre o ego e o superego tornam-se completamente inteligíveis quando são remontados à atitude da criança para com os pais. Esta influência parental, naturalmente, inclui em sua operação não somente a personalidade dos próprios pais, mas também a família, as tradições raciais e nacionais por eles transmitidas, bem como as exigências do *milieu* social imediato que representam. Da mesma maneira, o superego, ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, recebe contribuições de sucessores e substitutos posteriores aos pais, tais como professores e modelos, na vida pública, de ideais sociais admirados. Observar-se-á que, com toda a sua diferença fundamental, o id e o superego possuem algo comum: ambos representam as influências do passado – o id, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto o ego é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos. ((1940[1938]), p.159).

Levando em conta as três instâncias psíquicas em relação com a realidade no desenvolvimento dos indivíduos, a forma como é vivenciado o complexo de Édipo é que engendrará a neurose do indivíduo. Há uma singularidade na constituição da neurose de cada um, mas há também algo universal, ou seja, algo comum a todos os homens, que permitiu a Freud estudar e nomear o que é a neurose e suas vicissitudes.

Os neuróticos são os herdeiros da organização social totêmica que contém o início de uma ordem social e moral que constitui a sociedade moderna. Mas diferentemente dos homens primevos, o que se encontra nos neuróticos são realidades psíquicas ao contrário de realidades concretas, o que eles temem é a realização de seu desejo. Rastreado suas vidas há impulsos, emoções, reações a pensamentos, jamais reações ao que realmente fizeram. “Os neuróticos são acima de tudo, inibidos em suas ações: neles, o pensamento constitui um substituto completo do ato” (Freud 1913[1912-13], p. 162).

Um elemento que é constitutivo da neurose e é apontado por Freud em *O Futuro de uma Ilusão* (1927) como advindo de uma estreita relação é entre “o complexo paterno e o desamparo e a necessidade de proteção do homem” (p. 32). Para o autor (1930[1929]), a força na busca por um pai está no desamparo que se inicia na infância, primeiramente com a mãe que alimenta e cuida da criança afastando dela todos os perigos que possam vir a se aproximar. Depois, até o fim da infância, essa proteção é atribuída ao pai por ser mais forte. Quando essa criança cresce e se depara com o fato que, mesmo sendo adulta, é desamparada, dada a sua condição de ser humana, continua

buscando proteção na figura de um pai, mas não necessariamente o pai de sua infância, agora um pai mais poderoso.

A religião, para Freud (1930[129]), é buscada pelos homens na tentativa de encontrar esse grande pai, fonte de proteção, principalmente pelo fato do desamparo infantil continuar pulsando no indivíduo. Ela funciona também para “acalma(r) o medo que o homem sente em relação aos perigos e vicissitudes da vida, quando lhe garante um fim feliz e lhe oferece conforto na desventura. (Freud (1933 [1932]), p. 158)”. Freud é muito claro na conexão que faz entre o desamparo e as necessidades religiosas. “Não consigo pensar numa necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. (...). A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil.” (Freud (1930[1929]), pp. 80-81).

A criança, segundo Freud (1933 [1932]), tem um sentimento de dever sua existência para seu pai e também sua mãe, que cuidaram e a protegeram em virtude de sua condição de desamparo, fazendo com que ela, a criança, se sentisse segura. Quando cresce aumenta seu entendimento sobre os perigos da vida e compreende que continua desamparada e desprotegida. No entanto, o adulto reconhece que seu pai não é tão poderoso e também se depara com limites.

Por esse motivo, retorna à imagem mnêmica do pai, a quem, na infância, tanto supervalorizava. Exalta a imagem transformando-a em divindade, e torna-a contemporânea e real. A força afetiva dessa imagem mnêmica e a persistência de sua necessidade de proteção conjuntamente sustentam sua crença em Deus. (Freud, 1933[1932], p. 160).

Diferentemente da religião, a Psicanálise não promete nada em troca do reconhecimento do desejo. Segundo Freud (1933[1932]), a religião torna o mundo tolerável e a vida do homem mais digna, dando um sentido para ela com suas promessas de um futuro de realizações. A ciência que Freud desenvolveu estende a pesquisa à área mental. “Seu esforço é no sentido de chegar à correspondência com a realidade – ou seja, com aquilo que existe fora de nós e independentemente de nós, e, segundo nos ensinou a experiência, é decisivo para a satisfação ou a decepção de nossos desejos.” (Freud (1933[1932]), p. 166).

Referências Bibliográficas

Freud, S. Cinco lições de Psicanálise. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XI, p. 17-65. (Trabalho original publicado (1910[1909])).

Freud, S. Totem e Tabu. Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XIII, p. 13-163. (Trabalho original publicado 1913[1912-13]).

Freud, S. A História do movimento psicanalítico. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XIV, p. 15-73. (Trabalho original publicado 1914a).

Freud, S. Recordar, repetir e elaborar. (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XII, p. 161-171. (Trabalho original publicado 1914b).

- Freud, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XVIII, p. 79-154. (Trabalho original publicado 1921).
- Freud, S. Um estudo auto-biográfico. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XX, p. 11-78. (Trabalho original publicado 1925 [1924]).
- Freud, S. O Futuro de uma Ilusão. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XXI, p. 13-63. (Trabalho original publicado 1927).
- Freud, S. O Mal-estar na civilização. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XXI, p. 67-148. (Trabalho original publicado 1930 [1929]).
- Freud, S. Conferência XXXV A questão de uma Weltanschauung. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XXII, p. 155-177. (Trabalho original publicado 1933[1932]).
- Freud, S. Moisés e o Monoteísmo. Três Ensaio. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XXIII, p. 15-150. (Trabalho original publicado 1939 [1934-38]).
- Freud, S. (1996). Esboço de Psicanálise. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução por Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VI. XXIII, p. 153-221. (Trabalho original publicado 1940[1938]).
- Nasio, J. D. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- Roudinesco, E. & Plon, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Sófocles. Édipo Rei. São Paulo: Perspectiva, 2004.